

A música como recurso pedagógico no processo de Ensino-Aprendizagem

Music as a pedagogical resource in the Teaching-Learning process

Eder José de Almeida Golvêa ¹

RESUMO

Este artigo trata-se de um recorte da Dissertação de Mestrado que aborda sobre a utilização da música como recurso pedagógico nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental oportunizando uma nova abordagem lúdica em sala de aula. A música, no ensino de Ciências, alinhada a objetivos bem traçados, pode contribuir para o desenvolvimento integral do educando, transformando o senso comum em conhecimento científico. Para isso, faz-se necessário também valorizar a cultura na qual o aluno está inserido, para que ele possa construir os saberes por meio das relações com a música. A partir do contexto apresentado, este texto apresenta trechos de um projeto de pesquisa que teve como objetivo investigar as percepções de alunos matriculados no 2º, 3º, 4º e 5º ano, em duas escolas da Rede Municipal de Educação, do município de São Paulo de Olivença – Am, descrevendo sobre o uso da música como recurso pedagógico no Ensino de Ciências em sala de aula. A metodologia utilizada para a constituição e análise dos dados foi a Análise Textual Discursiva (ATD), de Moraes e Galiazzi (2016), com o objetivo de analisar qualitativamente informações textuais e discursivas. Por meio das análises, constatou-se a relevância da música como recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem no ensino de Ciências, e a sua importância no desenvolvimento do aluno, bem como a motivação para o aprender, um engajamento maior e mais ativo dos alunos em sala de aula, e a sensação de um ambiente mais alegre e agradável.

Palavras-Chave: Música. Ensino de Ciências. Recurso Pedagógico.

SUMMARY

This article is an excerpt from a Master's Dissertation that addresses the use of music as a pedagogical resource in the Early Years of Elementary School, providing a new playful approach in the classroom. Music, in the teaching of Science, aligned with well-defined objectives, can contribute to the integral development of the student, transforming common sense into scientific knowledge. To this end, it is also necessary to value the culture in which the student is inserted, so that he or she can build knowledge through relationships with music. Based on the context presented, this text presents excerpts from a research project that aimed to investigate the perceptions of students enrolled in the 2nd, 3rd, 4th and 5th grades, in two schools of the Municipal Education Network, in the city of São Paulo de Olivença - Am, describing the use of music as a pedagogical resource in the Teaching of Science in the classroom. The methodology used for the constitution and analysis of the data was the Discursive Textual Analysis (DTA), by Moraes and Galiazzi (2016), with the objective of qualitatively analyzing textual and discursive information. Through

¹ Mestre em Ciências da Educação Pela Universidad Interamericana do Paraguay.

the analyses, the relevance of music as a pedagogical resource in the teaching and learning process in Science education was verified, as well as its importance in the development of the student, as well as the motivation to learn, a greater and more active engagement of the students in the classroom, and the feeling of a more cheerful and pleasant environment.

Keywords: Music. Science Teaching. Pedagogical Resource.

INTRODUÇÃO

A música movimenta, mobiliza e por isso contribui para a transformação e para o desenvolvimento do indivíduo. Entendemos que a música, como forma de trabalho pedagógico, proporcione a educação integral do indivíduo, contribuindo na construção de seus valores humanos e de sua personalidade consciente e crítica, preparando-o para atuar num mundo em constante transformação.

Partindo desse pressuposto, questiona-se: De que forma a música pode contribuir como recurso pedagógico no ensino de Ciências? Sekeff (2007) afirma que a música tem o seu modo particular de organizar experiências, atendendo aos diferentes aspectos do desenvolvimento humano, como o físico, o mental, o social, o emocional e o espiritual, atribuindo a ênfase de que é possível construir um diálogo com o processo educacional, com vistas à melhoria da qualidade do ensino.

Nessa perspectiva, o interesse pelo estudo da música como recurso em sala de aula ocorreu por conta das vivências do pesquisador já ter desenvolvido projeto de música como professor na escola de ensino básico da cidade de São Paulo de Olivença –Am . Estando mergulhado no contexto escolar, foi possível, também, ter contato com professoras que ministravam a disciplina de Ciências no Ensino Fundamental I e utilizavam a música em sala de aula.

A forma criativa como elas desenvolviam as suas aulas, apresentando conteúdos, e o envolvimento da turma me despertou a curiosidade em pesquisar sobre este tema. Porém em algumas situações que ocorreram em minhas aulas de musicalização infantil, os estudantes, muito animados, me pediam para que eu tocasse o violão, para que eles pudessem cantar e me mostrar as músicas que haviam aprendido nas aulas de Ciências, com temas relacionados à higiene pessoal e ao nome de animais.

Em vista disso, o pesquisador propôs, em uma dessas escolas, atividades interdisciplinares entre Ciências e Música. A escola Municipal Ivan Balieiro, que,

há muito tempo já desenvolvia atividades lúdicas em seu currículo, concordou com a proposta deste pesquisador, realizando, assim, um trabalho mais direcionado quanto ao uso da música nas aulas de Ciências. O planejamento era realizado bimestralmente, em conjunto com as professoras regentes e a coordenação da escola. Com essa parceria, percebemos, com pouco tempo, um avanço no aprendizado dos estudantes, e o quanto a música contribuía na concentração e motivação em sala de aula.

Por esse panorama apresentado, sobre a música em sala de aula, vemos que ela possui multifuncionalidade, visto que pode proporcionar o desenvolvimento humano por diversas vertentes, como a do campo emocional, vários tipos de comportamentos e sentimentos, ou do campo cognitivo, no qual pode ocorrer a transição de noções de senso comum para o saber científico de determinado assunto (MOREIRA; SANTOS; COELHO, 2014).

Nessa mesma vertente, Moura (2015) enfatiza que a música é um significativo método de ensino e, por sua vez, é um campo que deve ser descoberto com intensidade na renovação de abordagens pedagógicas. Não se trata de negar as pedagogias tradicionais, mas de abrir espaços a novas metodologias, fortalecendo processos cognitivos de ensino e processos significativos de aprendizagem, mediante o uso da música, possibilitando o fortalecimento de culturas diversas e de suas origens étnicas.

Como forma artística, Saviani (2000) reafirma ser, a música, a arte de um potencial notório e educativo, pois representa um dos recursos mais eficazes para a direção de uma educação voltada para um desenvolvimento integral do ser humano. Cada capacidade pode ser desenvolvida independentemente, mediante um exercício adequado. Alguns estudos apontam para a necessidade da tarefa do docente, pautada na perspectiva socioconstrutivista para corresponder às diversas potencialidades a serem desenvolvidas com o educando. Como assistência mediadora, o educador está na mediação de diversas capacidades particulares, pensando em campos diferentes, atendo-se ao desenvolvimento de faculdades distintas, além de conseguir a concentração da atenção do educando frente às suas diversas matérias (VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 1994, p. 108).

A música transforma-se em recurso pedagógico na medida em que é chamada para responder perguntas adequadas aos objetivos propostos no processo de ensino e aprendizagem. Um desses objetivos centrais é o de promover o

desenvolvimento dos conteúdos programáticos a partir do processo de transformação de conceitos espontâneos em conceitos científicos. Para isso, é necessário que os professores se reconheçam como sujeitos mediadores de cultura dentro do processo educativo, mas também que levem em conta a importância das artes no desenvolvimento e formação das crianças como indivíduos produtores e reprodutores de cultura

A música pode ser um instrumento facilitador do processo de ensino e aprendizagem, podendo ser viabilizada e incentivada em seu uso na sala de aula (SEKEFF, 2007). É uma atividade lúdica, em que o educando pode estabelecer diálogo com o conteúdo de Ciências, elevando-se à categoria de atividade cultural, porém, Tourinho (1996, p. 107) alerta que “a música não substitui o restante da educação, ela tem como função atingir o ser humano em sua totalidade”.

1.As contribuições da música no processo de ensino e aprendizagem

Como linguagem de comunicação, a música tem uma relação profunda com a humanidade, seja pelo envolvimento emocional ou pelo caráter de contágio. Ao entrarmos em contato com a música, nosso organismo, como um todo – corpo e mente –, pode sofrer algumas alterações, como acelerar ou diminuir nossos batimentos, nossa pulsação, como também a respiração e a pressão sanguínea. Segundo Rocha e Bogio (2013):

A capacidade da música de evocar emoções é uma das suas características mais bem reconhecidas pelos ouvintes. Desde a Antiguidade, discute-se a capacidade da música em evocar sentimentos. PLATÃO, em A República, discorre sobre a impressão de traços morais em indivíduos a partir da experiência musical. Para PLATÃO, determinados modos (escalas em que a música grega era baseada) tinham a capacidade de imprimir diferentes traços morais específicos nos indivíduos (ROCHA; BOGGIO, 2013, p. 136).

A música atua diretamente na formação da personalidade da criança, influenciando as áreas de desenvolvimento dos sentidos, audição e visão, contribuindo diretamente com estímulos no desenvolvimento intelectual, por meio de respostas imediatas, como gestos e movimentos corporais. Hummes (2010) afirma:

A música pode contribuir para a formação global do aluno, desenvolvendo a capacidade de se expressar através de uma linguagem não verbal e os sentimentos e emoções, a sensibilidade, o intelecto, o corpo e a personalidade [...] a música se presta para favorecer uma série

de áreas da criança. Essas áreas incluem a ‘sensibilidade’, a ‘motricidade’, o ‘raciocínio’, além da ‘transmissão e do resgate de uma série de elementos da cultura’ (HUMMES, 2010, p. 22).

Se a música está presente em variados contextos do cotidiano, ela também não deixaria de estar inserida na escola, afinal, a música representa a cultura de um povo.

Dentro da rotina escolar, deparamo-nos com músicas cantadas nos recreios, nas salas de aula, enquanto se ensina determinado conteúdo, nas brincadeiras de roda, em imitações de músicas, em coreografias. Conforme Brito (2003):

A criança é um ser “brincante” e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, “transforma-se em sons”, num permanente exercício: receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, “descobre instrumentos”, inventa e imita motivos melódicos e rítmicos e ouve com prazer a música de todos os povos (BRITO, 2003, p. 35).

Souza (2004) acredita a realização de experimentações musicais na escola possa ser um caminho para o entendimento da multiplicidade de funções da música no ambiente educativo: “Esse entendimento mais ampliado sobre o significado social da música poderia ser útil para a compreensão das diferentes práticas musicais dos diversos grupos de estudantes na escola” (SOUZA, 2004, p. 8).

A música pode estimular a criança e, por meio desses estímulos, desenvolver o cognitivo, emocional e proporcionar o convívio social, revelando e aguçando as emoções mais profundas e significativas.

As diferentes maneiras de ouvir e ‘usar’ música podem estar relacionadas com as funções da música, e podem depender de características pessoais do ouvinte (idade, formação musical), da situação (intenção de ouvir, atenção) e do contexto (físico, social, cultural, educativo) (PALHEIROS, 2006, p. 309).

Bastian (2011) confirma, por meio de pesquisas, que a música contribui no aprendizado e convívio social da criança:

Não há dúvida: a música possui efeitos neurofisiológicos; ela deixa vestígios na cabeça, influencia a colaboração dos cerca de dez bilhões de células nervosas, cuja altamente complexa composição feita de modelos de adaptação interativos espaciotemporais, toma por base todas as nossas atividades mentais, cognitivas e sociais. Dito metaforicamente: a música pode desencadear uma gigantesca sinfonia de forças; basta que lho permitamos (BASTIAN, 2011, p. 46).

Dessa forma, Bréscia (2003, p. 60) afirma que “[...] a música pode melhorar o desempenho e a concentração, além de ter um impacto positivo na aprendizagem de matemática, leitura e outras habilidades linguísticas nas crianças”.

O cérebro tem seu desenvolvimento também influenciado pelas condições do meio. Toda e qualquer estimulação que o ser humano recebe desde o ventre materno, o ambiente em que vive, as músicas que escuta, tudo que é herdado pelo meio externo, contribui para o desenvolvimento das funções cerebrais:

A prática da música exige e estimula a construção de uma imagem mental de uma composição no cérebro, uma representação cerebrofisiológica e, para tocar de cor, é necessária uma excelente memória. Aquele que pratica a música utiliza um plano de estrutura da composição que ele, no ato da execução da música, constrói e desintegra constantemente (BASTIAN, 2011, p. 111).

Howard Gardner, elaborou e publicou, em 1983, *Estruturas da Mente*, apresentando a teoria das inteligências múltiplas. Essa teoria revolucionou o campo da psicologia cognitiva, ao ultrapassar a noção comum de inteligência como capacidade ou potencial geral que cada ser humano possui em maior ou menor extensão e ao questionar a suposição de que a inteligência possa ser medida por instrumentos verbais padronizados, como testes de respostas curtas realizados com papel e lápis (GARDNER, 1983; 1995).

Gardner (1983) propôs identificar sete tipos de inteligências que poderiam estar presentes em cada pessoa: linguística, lógico-matemática, espacial, corporal cinestésica, inteligência musical, interpessoal e intrapessoal.

O professor precisa conhecer a realidade cultural de cada aluno, porque uma escola centrada no indivíduo privilegiaria a avaliação das capacidades e interesses individuais, procurando adequar os indivíduos não apenas nas áreas curriculares específicas, mas também considerando maneiras particulares de ensinar esses assuntos (STRAUSS; GARDNER, 2013).

A Inteligência Musical é considerada como uma dimensão básica da inteligência, não estando subordinada a nenhuma das outras, mas interligada a todas. Essa inteligência possibilita ao indivíduo uma comunicação completa e de qualidade com o mundo. Segundo Gardner (1994, p. 78), “Um estudo da inteligência musical nos pode ajudar a entender o sabor especial da música, ao mesmo tempo esclarecer sua relação com outras formas do intelecto humano”.

Para Gardner (1994), o homem tem um potencial biopsicológico que o permite desenvolver diversas inteligências e competências intelectuais, revelando uma visão pluralista da mente. Essa visão vê que a inteligência não é dividida em “gavetinhas de conhecimento” e com habilidades isoladas. Entende que a inteligência tem um caráter múltiplo, a partir do qual se estabelecem relações em todas as suas formas de manifestações. Entretanto, não se pode listar exatamente todas as inteligências humanas, mas, segundo o autor, é possível aproximar-se deste objetivo, mantendo-se em um nível de análise:

A meu ver, uma competência intelectual humana deve apresentar um conjunto de habilidades de resolução de problemas – capacitando o indivíduo a resolver problemas ou dificuldades genuínos que ele encontra e, quando adequado, a criar um produto eficaz – e deve também apresentar o potencial para encontrar ou criar problemas – por meio disso propiciando o lastro para a aquisição de conhecimento novo (GARDNER, 1994, p. 46).

Quanto à organização da escola, e principalmente com relação ao planejamento do professor, há de se repensar e traçar com responsabilidade seus objetivos pedagógicos na sala de aula. Para Duarte e Batista (2013),

Ao se tratar de escola, estamos em um âmbito mais aprofundado, pois para além de transmitir o conhecimento acumulado, este processo deve se dar de forma organizada, de modo que todas as ações realizadas pela escola e seus profissionais devam ser pensadas, refletidas, discutidas e planejadas, pois todas as ações devem ter intencionalidade e finalidade (DUARTE; BATISTA, 2013, p. 293).

A escola precisa propiciar, ao aluno, um ambiente que inspire alegria, acolhimento, e busque romper os padrões do ensino tradicional, bem como motivar seus professores para que desenvolvam um espírito de empatia e diálogo com os profissionais de outras áreas do conhecimento. Silveira e Kiouranis (2008) afirmam:

É fundamental manter um ambiente de alegria e de ludicidade na classe. Sem humor, o educador não experiencia o encontro existencial com o educando e bloqueia o próprio processo de ensino-aprendizagem. A educação tradicional colocou as virtudes: atenção, dedicação e responsabilidade como incompatíveis com a alegria e descontração (SILVEIRA; KIOURANIS, 2008, p. 28).

Dessa forma, Freire (2000) idealiza como deveria ser o espírito de uma escola e aponta os muros que ainda precisam ser transpostos:

Sonhamos com uma escola que, sendo séria, jamais vive sisuda. A seriedade não precisa ser pesada. Quanto mais leve é a seriedade, mais eficaz e convincente é ela. Sonhamos com uma escola que, porque é séria, se dedique ao ensino de forma não só competente, mas dedicada ao ensino e que seja uma escola geradora de alegria. O que há de sério, até de penoso, de trabalhoso, nos processos de ensinar e aprender, de conhecer, é não transformar este “que fazer” em algo triste. Pelo contrário, a alegria de ensinar e aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes. É por isso que eu falava de que o reparo das escolas, urgentemente feito, já será a forma de mudar um pouco a cara da escola do ponto de vista também de sua alma (FREIRE, 2000, p. 37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, constatamos que, embora a escola e seu corpo docente necessite ter uma postura séria e comprometida, isso não significa que a própria deva ser intimidadora. A música há de ser considerada como um recurso pedagógico não somente para ensinar conteúdos, mas também para aproximar o educando de sua realidade, respeitando suas individualidades e estabelecendo vínculos com a escola. Por outro lado, cada professor deve também refletir e se auto avaliar, bem como suas práticas pedagógicas em sala de aula.

Na atualidade, é importante olharmos para uma cultura interdisciplinar, com uma postura que nos permita visualizar uma melhor relação entre o homem e o conhecimento, contribuindo na ciência e na música. A relação entre conteúdos escolares e música, historicamente, não é algo novo, já que a interdisciplinaridade perpassa a história da humanidade, que foi marcada pelos povos gregos, por filósofos como Pitágoras, Platão e Aristóteles. A ciência e a arte também mantêm similaridades e uma estreita relação.

REFERÊNCIAS

ABUD, K. M. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de história. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 309-317, set./dez. 2005.

ASSUNÇÃO, E.; COELHO, M. T. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2009.

BLACKING, J. **How musical is man?** London: University of Washington Press, 1973.

BORDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: UNESP, 2004.

BLASZKO, C. E. **O uso do blog aliado ao ensino de ciências para a formação dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ciências naturais.** Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro04.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Secretaria da Educação Básica, 2017. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 5 jul. 2021.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: bases legais.** Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/BasesLegais.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRÉSCIA, V. L. P. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva.** São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO, T. A. **Música na educação infantil.** São Paulo: Peirópolis, 2003.

CACHAPUZ, A. F. **Arte e Ciência no Ensino das Ciências.** Universidade de Aveiro, 2014.

CANDÉ, R. **História universal da música.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (v. 1).

CAVINI, M. P. **História da música ocidental: uma breve trajetória desde a Pré-História até o século XVII.** São Carlos: EdUFSCar, 2011.